ANAIS

IX SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PRÁTICAS RELIGIOSAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

VII SEMINÁRIO DE PESQUISAS DO LERR/UEL

IV SIMPÓSIO REGIONAL SUL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE HISTÓRIA DAS RELIGIÕES (ABHR)

VIII COLÓQUIO NACIONAL CULTURA E PODER (UNESPAR)

Laboratório de
Estudos sobre Religiões e Religiosidades (LERR)

Universidade Estadual de Londrina (UEL)

2021

O RECURSO DA ORALIDADE NO CRISTIANISMO ORIGINÁRIO: UMA ABORDAGEM A PARTIR DAS CATEGORIAS DE MITO E RITO

Iuri Nunes (UFJF-PG)[1]

Resumo: No período do Cristianismo Originário, as primeiras gerações de seguidores e seguidoras assumiram a tarefa de propagar a memória de Jesus essencialmente a partir de comunicações orais. Pode-se perceber que essas transmissões orais perpassavam por algumas experiências fundantes – principalmente, a constituição de estruturas míticas e de práticas rituais. Diante desse papel fundamental do recurso da oralidade na vivência das experiências cristãs originárias, pode-se dizer que a abordagem do funcionamento da oralidade constitui uma importante chave de leitura para a compreensão das primeiras manifestações do cristianismo. Neste trabalho, buscou-se debruçar sobre o funcionamento da oralidade no período do Cristianismo Originário, relacionando-o com as categorias de *mito* e *rito*. Para isso, baseou-se nas representações das práticas orais presentes na literatura cristã originária - especificamente os textos dos evangelhos.
Palavras-chave: Cristianismo Originário. Oralidade. Mito. Rito.

INTRODUÇÃO

Nos estudos do Cristianismo Originário, há uma longa discussão acerca da problemática da oralidade (de modo geral, transmissão oral de conhecimentos), apontando para certa precedência das comunicações orais em relação aos textos escritos cristãos. Dessa forma, entende-se que as primeiras manifestações do cristianismo foram desencadeadas, em grande parte, pelas transmissões orais das palavras e ações de Jesus, as quais perpassavam pelo anúncio do evangelho (*ευαγγέλίζω*). A antiguidade era um ambiente predominantemente oral, o que sugere que mesmo após as tradições de/sobre Jesus assumirem a forma escrita, a comunicação oral ainda era fortemente utilizada diante de grupos ou comunidades.

Os textos neotestamentários indicam que havia certos *modi operandi* dentro do movimento cristão originário para a propagação dessas tradições a partir de comunicações orais. Nesse sentido, em que medida pode-se falar de uma ritualização da oralidade própria aos cristãos originários? Ao mesmo tempo, sabe-se que o instrumento da oralidade serviu não apenas para a comunicação dos ensinamentos e experiências dos seguidores e seguidoras de

[1] Doutorando em Ciência da Religião na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Formado em Licenciatura e Bacharelado em História pela Universidade Federal de Ouro Preto. Mestre em Ciência da Religião pela UFJF, onde desenvolveu pesquisa sobre as práticas de oralidade durante o Cristianismo Primitivo. Possui especialização em Ciência da Religião pela UFJF. E-mail de contato: n.iuri@hotmail.com.

Jesus, como também para a formação e manutenção das memórias cristãs. Sendo assim, como se deu a relação da oralidade na formação das narrativas míticas acerca da figura de Jesus? Pretende-se, com isso, debruçar sobre a relação entre a oralidade cristã primitiva e as noções de *rito* e *mito*, baseando-se nas representações da oralidade presentes nas narrativas dos Evangelhos Sinóticos.

Essa temática será abordada a partir dos recentes estudos culturais que tratam dos conceitos de *cultura oral* e *oralidade* (ONG, 1998; HAVELOCK, 1995; GOODY, 1986). Tais trabalhos auxiliam na compreensão da oralidade em ambientes profundamente marcados pela oralidade. Outro referencial teórico para o desenvolvimento dessa temática será a perspectiva sociológica de Gerd Theissen do Cristianismo Originário, mais precisamente a obra "A religião dos primeiros cristãos: uma teoria do Cristianismo Primitivo" (THEISSEN, 2009), tentando trabalhar suas categorias de *mito* e *rito* em diálogo com as abordagens *do sociólogo Émile Durkheim. Essas abordagens definem o mito como uma explicação narrativa, enquanto o rito é definido como padrões de comportamentos repetitivos que irrompem as atividades cotidianas.*

Sendo assim, em um primeiro momento, apresentar-se-á brevemente o entendimento acerca da noção de oralidade através dos recentes estudos sobre cultura oral e oralidade, bem como apontar as principais características da oralidade durante a antiguidade. Em um segundo momento, pretende-se discutir as categorias de *mito e rito*, buscando ressaltar suas características como experiências fundantes do fenômeno religioso. Por fim, apresentar-se-á uma discussão sobre o funcionamento da oralidade no Cristianismo Originário, relacionando-o com as categorias de *mito* e *rito*.

I

A problemática da oralidade não é um tema absolutamente novo dentro dos estudos do Cristianismo Originário. As discussões sobre a relação da tradição oral e a formação dos textos neotestamentários, por exemplo, podem ser encontradas desde o início dos estudos bíblicos modernos - por volta do século XVIII, o que indica o quanto a temática da oralidade possui uma longa trajetória de debates dentro da história dos estudos do Cristianismo Originário.[2] No entanto, a partir das últimas décadas, o surgimento de um campo de estudos acerca da relação

[2] Um breve panorama dos estudos da oralidade no Cristianismo Originário pode ser encontrado no artigo *"Quem vos ouve, ouve a mim": a trajetória de uma pesquisa*, de autoria do historiador Lair Amaro dos Santos Faria (2012).

entre cultura oral (*orality*) e cultura escrita (*literacy*) [3] trouxe uma nova perspectiva para a abordagem da oralidade no Cristianismo Originário. Esses estudos desenvolvidos por historiadores, sociólogos, antropólogos e linguistas têm procurado, sobretudo, apontar as características específicas tanto da oralidade quanto da cultura escrita. Nesse sentido, uma das maiores contribuições proporcionada por esses estudos foi colocar em evidência a preocupação com a oralidade.

Entende-se que a oralidade não deve ser vista simplesmente como oposição ao letramento, pois há mais aspectos envolvidos nas práticas orais do que a situação de analfabetismo: a oralidade está relacionada ao uso do recurso oral em práticas sociais e em variados contextos (GLOSSÁRIO CEALE, 2014, s/p). Nesse sentido, o estudioso Eric Havelock contribui para traçar duas aplicações da expressão *oralidade*: (i) sua utilização pode ser empregada na caracterização de sociedades, grupos e/ou culturas que utilizam a comunicação oral para a transmissão de conhecimentos; (ii) a expressão é utilizada também para identificar um tipo de consciência que pode ser criada pela linguagem oral e/ou uma consciência que pode se expressar através dessa linguagem oral (HAVELOCK, 1995, p. 17). Essas duas aplicações do termo *oralidade* esboçam as preocupações centrais das pesquisas realizadas por esse campo de estudo.

As características ressaltadas pelos recentes estudos sobre a relação entre cultura oral e cultura escrita têm sido constantemente aplicadas à antiguidade: era um ambiente predominantemente oral, as transmissões orais possuíam uma íntegra confiabilidade, as práticas da oralidade se afirmavam diante do conhecimento da escrita, os processos mnemônicos devem ter tido um papel significante na organização do conhecimento. Não obstante, deve-se salientar que a relação entre oralidade e textualidade no mundo antigo era um processo fluido e

[3] Dentre as principais referências desse campo de estudo, podem-se destacar nomes como os de Walter Ong (1998) com a obra *Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra*; Jack Goody (1986), *A lógica da escrita e a organização da sociedade*; e Eric Havelock (1995) com o texto *A equação oralidade-cultura escrita: uma fórmula para a mente moderna*. Os anos iniciais desse campo de estudo podem ser datados do começo da década de 1960, quando foram publicadas quatro obras que destacavam a oralidade nos estudos: *A Galáxia de Gutemberg*, de McLuhan; *O pensamento selvagem*, de Lévi-Strauss; *As consequências da cultura escrita*, de Jack Goody e Ian Watt; e, por fim, *Prefácio para Platão*, de Eric Havelock. Apesar de não haver escolas de interpretação acerca da relação entre oralidade e cultura escrita, podem-se destacar dois processos graduais dentro dessa área de estudo: primeiro, o afastamento da perspectiva dicotômica, a qual entendia a oralidade e a cultura escrita como práticas opostas, polarizadas e mutuamente exclusivas; segundo, o distanciamento da concepção evolutiva, onde se defendia um desenvolvimento cognitivo, ou seja, de uma mentalidade primitiva marcada pelas formas orais para a supremacia cognitiva da escrita. Atualmente há a concepção de que, embora essas práticas possuam características específicas, elas devem ser vistas a partir de uma relação tensa e criativa. Sobre a história da constituição desse campo de estudo, consultar *Oralidade e Letramento* de Luís Antônio Marcuschi (2010) e *Oralidade e Escrita: uma revisão* de Ana Maria de Oliveira Galvão e Antônio Augusto Gomes Batista (BATISTA & GALVÃO, 2006).

complexo. A pesquisadora da antiguidade Rosalind Thomas descreve o contexto de letramento e oralidade no Mediterrâneo Antigo, destacando o pequeno número de pessoas alfabetizadas e, em geral, formado por uma elite masculina e com maior concentração nas áreas urbanas (THOMAS, 2005). Assim, embora grande parte do mundo da antiguidade estivesse familiarizada com documentos escritos, pode-se classificar o ambiente antigo como uma cultura residualmente oral.

A noção de *oralidade* não implica apenas no grau de alfabetização de uma determinada sociedade, mas principalmente nos usos que a sociedade faz do recurso oral em práticas sociais. No Mediterrâneo Antigo, havia uma centralidade do meio oral nas comunicações, no acesso ao conhecimento, nos processos judiciais e em várias outras esferas do mundo antigo (THOMAS, 2005). Nesse sentido, a principal característica do uso da oralidade na antiguidade perpassava por certa confiança conferida às informações que circulavam oralmente. Com relação aos textos escritos[4] - por exemplo, literaturas, cartas e leis - pode-se perceber que geralmente eram produzidos para serem lidos em voz alta e em ambiente comum. Assim, mesmo diante do conhecimento e usos da escrita, a oralidade se afirmava como uma importante dinâmica de estruturação da sociedade.

II

Os fenômenos religiosos possuem um caráter específico, isto é, há alguns elementos que permitem reconhecer os fenômenos religiosos e distingui-los face aos demais sistemas de ideias e práticas. Desde o final do século XIX e início do século XX, algumas abordagens vêm buscando traçar essas características que singularizam os fenômenos religiosos.[5] Neste mesmo período, tem-se o surgimento de uma disciplina preocupada especificamente com os fenômenos religiosos a partir de uma perspectiva interdisciplinar – a Ciência da Religião (MATA, 2010, p. 59). Ao possibilitar o estudo de todas as religiões, a Ciência da Religião contribui de forma producente com as discussões acerca do questionamento por essas características essencialmente religiosas. Dentro dessas várias abordagens, as categorias de *mito* e *rito* são

[4] Os estudiosos Alan Bowman e Greg Woolf apresentam uma discussão acerca das relações de poder que os textos escritos estabeleciam no mundo antigo (BOWMAN & WOOLF, 1998).

[5] De um lado, algumas abordagens defendem que há um dado interior em todas as religiões - chamado de *numinoso*: para Rudolf Otto, esse elemento é irracional e não pode ser totalmente apreensível; enquanto para Mircea Eliade, o sagrado pode ser acessível devido às suas manifestações. Essas abordagens da religião fazem parte de uma tendência fenomenológica. De outro lado, há também algumas abordagens que apresentam explicações externas à religião (RODRIGUES, 2014, p. 188).

consideradas algumas das características fundamentais presentes em praticamente todas as religiões, cujas abordagens têm o sociólogo Émile Durkheim como um dos maiores representantes.

Durkheim baseia-se no pressuposto de que a religião deve ser definida a partir das partes que a formam, as quais podem ser classificadas em duas categorias fundamentais: as crenças/mitos e os ritos. No livro *As formas elementares da vida religiosa*, Durkheim afirma que a crença diz respeito a estados de opiniões e representações; enquanto o rito compreende modos de ação determinados (DURKHEIM, 2013, p. 18). Baseando-se principalmente nessas formulações, o estudioso do Cristianismo Originário Gerd Theissen apresenta um programa teórico do movimento religioso cristão originário, apontando a Ciência da Religião como o lugar adequado para esse tipo de proposta.[6] Segundo Theissen, a Ciência da Religião destaca-se como lugar privilegiado devido às suas reflexões sobre a definição de *religião* e, por conseguinte, as características fundamentais dos fenômenos religiosos (THEISSEN, 2009, p. 12). Com isso, as discussões a seguir apoiam-se nessa teoria da religião cristã originária apresentada por Theissen na obra *A religião dos primeiros cristãos: uma teoria do cristianismo primitivo* (2009).

A base desse programa teórico está centrada em uma definição de religião proposta por Gerd Theissen: “a religião é um sistema cultural de sinais que promete o proveito da vida mediante a correspondência a uma realidade última". Na primeira parte desta definição proposta por Theissen, tem-se uma afirmação sobre o que é a religião, a saber, uma linguagem cultural de sinais. Já na segunda parte, há uma afirmação sobre o que ela realiza: o proveito da vida. Assim, a primeira parte da definição diz sobre o ser da religião, enquanto a segunda parte fala sobre a função da religião (THEISSEN, 2009, p. 13). Para os objetivos deste presente trabalho, destacam-se as reflexões sobre a primeira parte desta definição, pois abrange as noções de *mito* e *rito*. Esse traço da religião como uma linguagem de sinais refere-se às mediações que o ser humano deve estabelecer com o ambiente para torná-lo habitável[7]. Uma dessas mediações

[6] Segundo Gerd Theissen, uma teoria do movimento religioso cristão originário a partir da Ciência da Religião possui três características. A primeira característica está no distanciamento em relação à pretensão normativa dos textos religiosos, entendendo que essa pretensão constitui um objeto e não um pressuposto de análise. De acordo com essa característica, a análise do cristianismo originário deve orientar-se por uma abertura às identidades - ou seja, acessível a pessoas de identidades religiosas diversas; e por uma abertura às aplicações - ou seja, não tem necessariamente a intenção de aplicar os resultados na práxis eclesial. A segunda característica está na superação dos limites do cânone e, assim, toda a literatura cristã originária deve estar incluída nas pesquisas. Essa segunda característica pressupõe que não há nenhum tipo de valoração entre as literatura tidas como canônica e não-canônica. A terceira característica consiste na superação dos termos *ortodoxia* e *heresia*; em outras palavras, deve-se considerar que todas as correntes cristãs originárias possuem relevâncias como discursos desse período. (THEISSEN, 2009, p. 12).

[7] Sobre a relação religião e linguagem de sinais, ver o artigo de Iuri Nunes *Religião e hermenêutica: considerações*

consiste nos sistemas de interpretação que permitem compreender o mundo, podendo ser feito através do senso comum, da ciência, da cultura e/ou da religião.

Para Theissen, há alguns elementos específicos no sistema religioso de sinais, o qual se caracteriza pela combinação de três formas de expressão, a saber, o mito, o rito e o etos. Os mitos pretendem explicar narrativamente o mundo e a vida, cuja narrativa pode estar situada em um tempo primordial ou escatológico; já os ritos são entendidos como padrões de comportamento que irrompem o cotidiano e têm como principal objetivo apresentar o mito (THEISSEN, 2009, p. 14-16). Entende-se aqui que a outra forma de expressão elencada por Theissen, o etos, está relacionado ao mito e ao rito, pois essas duas formas de expressão pressupõem comportamentos éticos que devem ser seguidos tanto nas práticas religiosas quanto nas práticas cotidianas. A partir dessas definições, o pesquisador Gerd Theissen procura aplicar essas categorias às dinâmicas empreendidas durante o período do Cristianismo Originário, buscando traçar as especificidades desse movimento religioso com relação ao mito e ao rito.

A Escritura Hebraica traz uma importante transformação acerca da noção do *mito*, a qual perpassa principalmente por uma extensão do tempo mítico por toda a história até o presente. O cristianismo dá continuidade a essa história, concentrando-a na figura de Jesus que passa a ser entendido como o cumprimento de toda a história da salvação, ou seja, a figura de Jesus historiciza esse mito escatológico. Nesse sentido, o Cristianismo Originário representa outra mudança significativa, pois o mito está ligado a uma história concreta (THEISSEN, 2009, p. 32). Diante desse quadro, Gerd Theissen indica que o termo mais coerente seria *narrativas de base*, pois o judaísmo e o cristianismo trazem narrativas em que o mítico e o histórico estão estreitamente associados. Não obstante, o pesquisador do Cristianismo Originário não deslegitima o uso da noção de *mitos* para as duas narrativas religiosas. Assim, o programa de uma teoria da religião cristã originária deve ser capaz de tornar compreensível essa ligação singular entre mito e história (THEISSEN, 2009, p. 31).

Outra forma de expressão que compõe o sistema religioso de sinais é o rito, o qual podem incluir palavras interpretativas, comportamentos e objetos. Nas palavras interpretativas o mito é atualizado de modo condensado, enquanto os comportamentos são relacionados como sinais de outra realidade e os objetos são tirados do uso cotidiano. Nesta terceira forma de expressão, há uma tensão fundamental entre o judaísmo e o cristianismo originário, contendo descontinuidades e também prosseguimentos com relação aos ritos judaicos. No Cristianismo Originário, há a extinção do rito sacrificial e a instituição de novos ritos, principalmente o

acerca da relação entre linguagem e religião a partir de Gadamer (NUNES, 2018, p. 170).

Batismo e a Eucaristia. Como exemplos de continuidades, os ritos dos cristãos originários também visavam o perdão e a expiação dos pecados. A teoria da religião cristã originária proposta por Theissen deve atentar-se para esses comportamentos, os quais trazem uma significativa tensão (THEISSEN, 2009, p. 16).

III

O Cristianismo Originário pode ser definido como o período em que se deu o processo de constituição das estruturas míticas e das práticas rituais, relacionadas às religiosidades cristãs. Ao mesmo tempo em que as tradições de/sobre Jesus estavam em formação, as primeiras gerações de seguidores e seguidoras desse movimento religioso empreendiam dinâmicas em torno dessas tradições. Uma das práticas centrais desse período consistia nas transmissões orais das tradições de/sobre Jesus, as quais estavam em relação com o desenvolvimento dessas estruturas míticas e das práticas rituais. Nesse sentido, as práticas da oralidade do Cristianismo Originário podem ser entendidas (i) como instrumentos que desempenharam um papel na formação e manutenção das narrativas míticas cristãs; e (ii) como ritualizações que tiveram como base um tipo de disciplinaridade engajada e própria ao movimento cristão originário. As interpretações seguintes não estão preocupadas com o *quê* era dito, mas com o *como* era dito. Em outras palavras, a intenção consiste em procurar entender como as tradições de/sobre Jesus eram oralmente *performadas* a partir das categorias de *mito* e *rito*.

A dinâmica que gerou as narrativas míticas sobre Jesus pode ser entendida como um processo inspirado pelos textos judaicos e formado a partir das memórias significativas sobre Jesus, as quais foram transmitidas oralmente entre as primeiras gerações. No prólogo do Evangelho de Lucas, há uma menção sobre essas testemunhas oculares que transmitiram as tradições de/sobre Jesus (Lc 1, 2).[8] Segundo Marcelo Carneiro, essas testemunhas oculares no início da transmissão das memórias sobre Jesus não implicavam necessariamente em autoridades apostólicas ou líderes reconhecíveis (CARNEIRO, 2016, p. 70). Não obstante, essas transmissões eram consideradas uma *autoridade* dada pelo próprio Jesus. O recurso da oralidade contribuiu para que a memória sobre Jesus fosse lembrada, significada e transformada em narrativas míticas. Ao mesmo tempo, a oralidade contribuiu para que essas narrativas fossem explicadas, interpretadas e *re-significadas* diante de vários ambientes. Sendo assim, a

[8] Nesta passagem de Lucas, tem-se a única incidência do termo αὐτόπτης (testemunhas oculares) no Novo Testamento.

oralidade teve um papel fundamental na formação e manutenção das narrativas míticas sobre Jesus.

Dentro dos textos dos evangelhos, há várias menções explícitas a ordens para a divulgação da mensagem do evangelho, como, por exemplo, a passagem do Evangelho de Marcos, em que se lê: "é necessário que primeiro o Evangelho seja proclamado a todas as nações" (Mc 13, 10). A partir desses trechos, pode-se observar que havia certo engajamento entre os cristãos originários em transmitir universalmente o Evangelho, devido à crença na expectativa iminente do fim dos tempos (BROX, 1986, p. 33). A literatura cristã originária não apenas expressa essas ordens, como também oferece modelos modos de ação determinados, ou seja, havia recomendações e instruções sobre procedimentos durante o ato de comunicação oral. Esses modos de ação envolviam o uso de objetos que poderiam ser levados para as práticas de oralidade[9], modelos de comportamentos itinerantes[10] e um esquema de comunicação das narrativas que perpassava por três atividades: enviar (*αποστέλλω*), anunciar (*κηρύσσω*) e ouvir (*ἀκούω*). Nesse sentido, as práticas de oralidade podem ser compreendidas como ritualizações baseadas em uma disciplinaridade própria aos cristãos originários.

CONCLUSÃO

Neste presente trabalho, procurou-se entender o funcionamento da oralidade durante o Cristianismo Originário – período em que se deu o desenvolvimento das experiências fundantes do Cristianismo, a saber, as estruturas míticas e as práticas rituais. Nesse sentido, as categorias de *mito* e *rito* emergiram como ferramentas conceituais importantes para essa abordagem, pois as transmissões orais das tradições de/sobre Jesus desenvolveram-se em um período em que a oralidade era um recurso fundamental na organização da sociedade e, por conseguinte, estavam em intensa relação com a constituição das estruturas míticas e das práticas rituais. A antiguidade era um ambiente predominantemente oral, o que significa afirmar: o instrumento da oralidade destacava-se nas práticas sociais; as informações que circulavam oralmente possuíam uma íntegra confiabilidade; e os processos mnemônicos ajudavam na retenção e recuperação do conhecimento.

Neste trabalho, essas características possibilitaram o entendimento de que os ensinos de/sobre Jesus se transformaram em tradições orais; ou seja, circularam oralmente, eram

[9] Por exemplo, Lc 10, 3: “Não leveis bolsa, nem alforje, nem sandálias, e a ninguém saudeis pelo caminho”.
[10] Por exemplo, Didaqué 11, 5: “Ele não deverá ficar mais que um dia ou, se for necessário, mais outro. Se ficar por três dias, é um falso profeta”.

baseados nas memórias das primeiras gerações e continham autoridade. Diante desse quadro apresentado, discutiu-se a ritualização da oralidade e a relação do recurso oral na formação das narrativas míticas cristãs. Em outras palavras, o presente trabalho apresentou a relação da oralidade dos cristãos originários com as categorias de *mito* (narrativas de base) e *rito* (modos de ação determinados). Defendeu-se que o recurso da oralidade foi fundamental para o Cristianismo Originário, pois desempenhou um papel na formação e manutenção das narrativas míticas cristãs e constituiu ritualizações engajadas e disciplinadas. Assim, o instrumento da oralidade contribuiu para que o movimento cristão se difundisse rapidamente pelo Mediterrâneo Antigo. Um recurso entendido aqui como fundamental para as experiências fundantes do Cristianismo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BATISTA, Antônio Augusto Gomes; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Oralidade e escrita: uma revisão. **Cadernos de Pesquisa**, v. 36, n. 128, p. 403-432, maio/ago., 2006.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova edição, revista e ampliada, São Paulo: Paulus, 2002.

BOWMAN, Alan K.; WOOLF, Greg. **Cultura escrita e poder no mundo antigo**. In: BOWMAN, Alan K.; WOOLF, Greg. **Cultura escrita e poder no mundo antigo**. São Paulo: Editora Ática, 1998.

BROX, Norbert. **Historia de la Iglesia Primitiva.** Barcelona: Editorial Herder, 1986.

CARNEIRO, Marcelo. **Os evangelhos sinóticos**: origens, memória e identidade. São Paulo: Fonte Editorial, Edições Terceira Via, 2016.

DEWEY, Joanna. Textuality in na oral culture: a survey of the Pauline Tratidions. In.: DEWEY, Joanna (Ed.). **Orality and Textuality in Early Christian Literature.** Semeia 65. Atlanta: Society of Biblical Literature, 1995.

DIDAQUÉ. In.: **Padres Apostólicos**. São Paulo: Paulus, 1995.

DURKHEIM, Émile. Definição do fenômeno religioso e da religião. In.: DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FARIA, Lair Amaro dos Santos. Quem vos ouve, ouve a mim: a trajetória de uma pesquisa. **Revista Jesus Histórico e sua Recepção**, v. 8, 2012.

FOX, Robin Lane. Cultura escrita e poder nos primórdios do cristianismo. In.: BOWMAN, Alan K.; WOOLF, Greg. **Cultura escrita e poder no mundo antigo**. São Paulo: Editora Ática, 1998.

GLOSSÁRIO CEALE: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. Belo Horizonte, MG: UFMG, 2014. Disponível em: http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/oralidade. Acesso em: 03 jul. 2019.

GOODMAN, Martin. Textos, escribas e poder na Judeia romana. In.: BOWMAN, Alan K.; WOOLF, Greg. **Cultura escrita e poder no mundo antigo**. São Paulo: Editora Ática, 1998

GOODY, Jack. **A lógica da escrita e a organização da sociedade**. Lisboa: Edições 70, 1986.

HAVELOCK, Eric. A equação da oralidade-cultura escrita: uma fórmula para a mente moderna. In: OSLON, David; TORRANCE, Nancy. **Cultura escrita e oralidade**. São Paulo: Editora Ática, 1995.

HORSLEY, Richard. **Jesus e o Império.** O reino de Deus e a nova desordem mundial. São Paulo: Paulus, 2004.

KELBER, Werner H. **The oral and written gospels: the hermeneutics of speaking and writing in the synoptic tradition Mark, Paul and Q**. Philadelphia: Fortress Press, 1983.

KOESTER, Helmut. **Introdução ao Novo Testamento**: história e literatura do cristianismo primitivo. Volume 2. São Paulo: Paulus, 2005.

KOESTER, Helmut. Written Gospels or Oral Tradition? **Journal of Biblical Literature**, vol. 113, n. 2, 1997, p. 293-297.

LOUW, Johannes; NIDA, Eugene (Ed.). **Léxico Grego-Português do Novo Testamento**: baseado em domínios semânticos. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Oralidade e letramento. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2010.

MATA, Sérgio da. **História & Religião**. Belo Horizonte: Autêntica Ed., 2010

NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza. O cristianismo primitivo como objeto da história cultural: delimitações, conceitos de análise e roteiros de pesquisa. **Antíteses**, v.8, n.16, p.31-49, jul./dez., 2015.

NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza. Os primeiros cristãos e o mundo urbano: a importância da cidade no surgimento das comunidades cristãs. In: SATHLER-ROSA, Ronaldo (Org.). **Culturas e cristianismo.** São Paulo/São Bernardo: Edições Loyola/UMESP, 1999.

ONG, Walter. **Oralidade e cultura escrita**: a tecnologização da palavra. Campinas: Papirus, 1998.

RICHARD, Pablo (Ed.). Cristianismos Originários (30-70 d.C.). **Revista de Interpretação Bíblica Latino-americana**, Petrópolis/São Leopoldo: Vozes/Editora Sinodal, n. 22, 1995.

RICOEUR, Paul. **Teoria da Interpretação: o discurso e o excesso de significação**. Lisboa: Edições 70, 1976.

RODRIGUES, Elisa. As Ciências Sociais da Religião como Ciências da Interpretação. **Estudos de Religião**, v. 28, n.1, p. 186-203, jan.-jun., 2014.

RODRÍGUEZ, Rafael. Reading and Hearing in Ancient Contexts. **Journal for the Study of the New Testament**, 32. 2, 2009.

SILVA, Gilvan Ventura da. Cultura escrita e comunicação oral no cristianismo antigo: as homilias como instrumentos de poder. **Romanitas – Revista de Estudos Grecolatinos**, n.9, 2017, p. 212-233.

THEISSEN, Gerd. **A religião dos primeiros cristãos: uma teoria do Cristianismo Primitivo**. São Paulo: Paulinas, 2009.

THEISSEN, Gerd. Tareas y métodos de una sociologia del movimento de Jesús. In: THEISSEN, Gerd. **El Movimiento de Jesús: historia social de una revolución de los valores**. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2005.

THOMAS, Rosalind. **Letramento e oralidade na Grécia Antiga**. São Paulo: Odysseus Editora, 2005.

* * * * * **